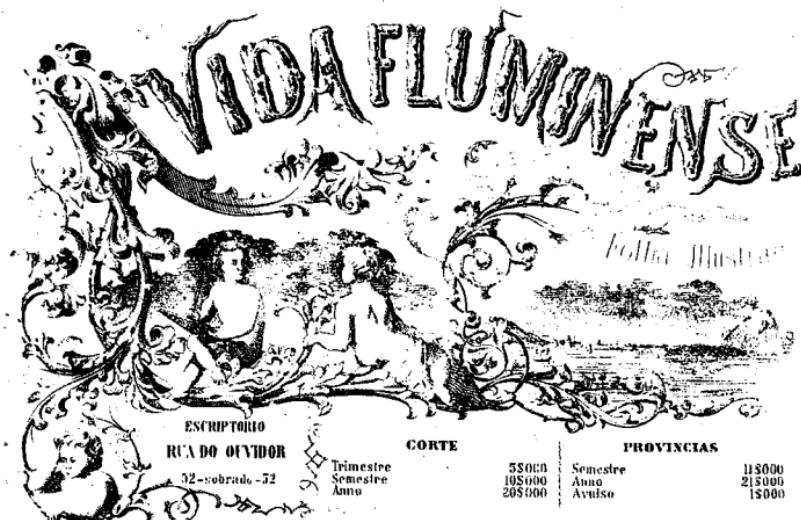


ANNO 3

SABADO 12 DE FEVEREIRO DE 1870.

N. 11



Effeto procurando nos títulos valiosos residentes no Brasil
(A vida não é viva, mas com tudo apreciável...)

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 12 de Fevereiro de 1870.

Tendo estado gravemente enfermo, na semana passada, o nosso socio e desenhista Angelo Agostini de Almeida, não nos foi possível publicar o presente numero na data supra indicada.

Nossos assinantes nos desculparão seu duvida esta falta involuntária, e primeiramente no decorso de mais de doze annos de publicação da *Vida Fluminense*.

No presente semanário, ou no mais tardar no começo da proxima, continuaremos estar em dia com a entrega da folha.

E sem mais vacavo me permitiria o leitor que encete a chronicaria.

Antes de ir adiante.

Uma pequena observação:

Creio com todas as veras de uma alma christã no imenso poder e na infinita sabedoria do Creador.

Creio muito.

Mais nem sempre comprehendo as causas deste mundo. Não comprehendo, por exemplo, porque quiz o Creador que adoccesse o nosso desenhista, moço intelligente, trabalhador, honesto, moço emulin util à humanidade em geral... e à *Vida Fluminense* em particular, quando andam por ahi nedios, analfados, vendendo suada tanta gente inutil, por exemplo.... [ponha aqui o leitor alguns nomes conhecidos].

Não comprehendo! Não comprehendo!

A propósito de doenças:

Ainda muito assustada com a febre amarella uma senhora excessivamente nervosa que conheço.

O marido, bom homem na mais lata acepção do adjetivo, inventa todos os dias uma mentirasinha qualquer para tranquilizar sua caríssima e nervosissima metade.

Hontem ouvi eu esta:

— Santo Deus! A epidemia torna-se cada vez mais intensa! (bradou a mulher lendo o obituario do *Jornal do Commercio*). Se eu morrer andarás de fumo alto no chão por um anno inteiro? Quero que afornes o inutilinho que criámos como nosso filho, já que não quiz Deus que fossemos pais! E nunca te esquecerás de dar a espinguinha de milho ao meu papagaio! sim?

— Pois não, mulher! Farci tudo; mas não penses assim em causas frístes!

— Se eu sei que brevo morrerei de febre amarella! Olha este obituario; já ella dá cabo de trinta pessoas por dia.

— Isso é pena da gazeta; minhacara. Quando a gente do *Jornal do Commercio* não tem com que encher a folha... enche-a com causas destas!

E a mulher acreditou!

Tal era a confiança que tinha no marido..... e no *Jornal do Commercio*.

* *

Outra:

Há um frade no Rio de Janeiro que tem a mania de não andar muito associado.

Encontrou-o prior e diz-lhe:

— Porque não muda a roupa? Essa já está pouco decente.

— E' por causa da febre amarella.

— Não entendo.

— Vossa Reverendíssima ainda não leu as recomendações da junta de hygiene pública?

— Já

— E não viu que o Dr. Pereira Rego assevera que um dos meios de preaver a gente contra a epidemia é.... não mudar de hábitos?

* *

E basta por hoje.

* *

Reparo agora que por fim não escrevi a chronicaria. Fica para outra vez.

A. DE C.

Bilha de leite por bilha de azeite

Autos de seguir para a caridosa comissão ecuménica, certa autoridade eclesiástica muito conhecida no Rio de Janeiro, andou de porta em porta esmolando pingues ofertas para o Santíssimo Padre!

As beatas morderam na isca com incrível facilidade, e era um gosto ver como os ovos desapareciam do mercado, e o assucar dos confeiteiros para, convertidos em alambazudos *trava* e mitoses *batas* irem a seu tempo guarnecer a opípara mesa do chefe da Igreja católica!

Não faltaram, pois, no feliz commissario, doces a levar e outros muitos presentes dignos de menção especial, e de um estomago habituado aux *bones gourmandises*.

Mas gachê... receber sempre... sem dar alguma coisa; parece que era transação avessa aos preceitos religiosos da autoridade em questão.

Era preciso mostrar a toda essa gente, que assim contribuia para o esplendor da religião, todo o amor, e todo o reconhecimento que invadia a alma da santa autoridade.

Portanto, depois de pensar largamente no negocio, decidiu-se o nobre homem pela photographia. Um re-

tratinho é cosa barata e pagava de sobrejo os presentes que já repousavam nos respetivos caixotes.

E' por isso que nas vespas da partida do vapor frances de um dos mezes passados, as freiras contribuintes e beatas docíssimas receberam um retrato photographado da autoridade, que lá se ia a obter o perdão de seus erros.

O retrato já era muito; mas a inscrição que se lia (e podia ainda ler-se) no reverso, isso sim que é obra de um reverendo padre-mestre, digno das benções de uma população inteira, e dos sorrisos do Pontífice-Rei.

Vejam... que impagável pedacinho... doutoríario?

A's orphans do S. T....

Testemunho de gratidão
pelos ricos presentes que fizeram

A NOSSO SANTO PADRE PIO IX

e que eu terei o prazer

a consagração

e a distinta honra

de depositar aos pés do

MAS AMAREL DOS HOMENS

do mais

AUGUSTO DOS SOBERANOS.

O Pontífice Rei Pio IX

O Grande!

Viva Pio IX. Viva!. Viva!

Parece-me que o retrato, a epístola e os vivas finos são muito superiores à mais valiosa dadiva e por conseguinte julgo bem cabido o título deste artigo.

Rocebendo ricas presentes, a autoridade recebia bilha de leite—o azeite neste caso acha-se representado pelo retrato, e pela sublime dedicatória escrita no reverso!

Se alguém entender que a causa assim não está lá muito de acordo com a lei das compensações, dou-lhe amplos poderes para fazer as correções que julgar mais acertadas.

S.

Uma viagem de bond

— Apre! que melodia! que música! que estrondo! Este meu companheiro *toca* de um modo formidável, e *toca* na sonorosa clave do nariz. E que nariz de pitimento e que música?

Porque ainda não experimentastes as harmonias do nariz, vós que schachestis musica no badalo das compunhas e nas borbas dos copos?

Oh! um nariz bien afinado deva ser extraordinario como um concerto a Gottschalk, e sunvo, viril como um *andante*, de rhythmô grave e pausado como um *allegro*, de movimento rápido como um *menuet*, ou de fera como um *rondó*.

Mas o que ninguém sabe é a razão porque estou falando: pois saiba o público que estou sentado n'um *bond*, tendo à minha direita um sujeito que roca, sibila e assavia, mas só e puramente pelo nariz.

Já se viu anomalia maior do que sair um christão do Gymnasio, para ir apreciando as harmoniosas notas de um nariz tamanhão, que pôde aspirar às horas de uma matraca de congevo?

Mas como disse: estive no Gymnasio, dei meus tres mil réis por uma sessão de pantomima animada, e afango de boca cheia que a Ismenia esteve na sua altura, quero dizer, na altura do peito que o mais levantada tendo a da platéa.

Viram já o *José do Telhado*, desposito dramático que tem dado molheira de encher..... a gaveta?

Pois se não viram, não se incomodem, porque por tres mil réis prefiro ir no Chiarini, no Alcazar ou mesino à Phenix, que não é aquela ave que tendo o ninho no altar do sol, sabe sempre resuscitar.

Que bono idéia se o Lopez tivesse um exercito-phenix? Repliço a idéia: antes uma eleição no Rio Grande do Norte com suas discussões, etc., etc.

A lamenie é uma grande causa no *José do Telhado*: aquillo é que é que, declamação, bom gosto e bom desempenho! Que venham cã Rachel, Mars, Dejazet ou Ristori que outro portento mais alto se levanta: isto de dizer-se levanta não sei se quer exprimir a idéia de quem estivesse abixinado?

Ai! meu Deus! Como é bon de vör-se e de sentir-se o estar um homem sentado na sua cadeira e escancarar os olhos no porte gentil e donaireso da Ismenia, que multiplica-se como um por um que dã sempre um: haja exemplo: Isabel Soares, na *Soror Thresa*, a pastora de Ivry na *Limé*, etc., etc., pontinhos e outros casos referidos no sermão de Santa Luzia.

Não é com vinagre que se apalbam moscas, tenho certeza do ristio e por isso, por mais que tenha aplaudido a *prima-tuna* do Gymnasio, ainda n'to lhe consegui merecer um olhar termo e melancólico, desses que dão o céu n'tin' um instante. Será pelo meu *estad*? E' verdade que a Ismenia n'to siba que me occupo com a sua pessoa em todos os espectáculos *ordinarios* em que entrei; e do contrario talvez me h'urasse com um bilhete para o seu beneficio.

Mas qual! Não tenho cara de chixisbeu, nem de claqueur.

À minha cara, com licença do leitor, é uma cara comum: barba toda raspada e cabelheira grisalha.

E o meu companheiro de *bond* continua na musica. Por força é alguma José Purcira ou Zé qualquer causa: porque um homem com um nariz tão duro a flauta é com certeza uma alma de pedago d'anso. Ei-lo que accorda, abre a boca, esfrega os olhos, corta a cabeça e espira.

— *Dominus tecum*, digo lhe eu.

— Obrigado, caro senhor! Ah! meu amigo desculpe-me; se dormi é que estava sonhando com um impossível.

— Qual, meu senhor?

— Vi em sonho: a Ismenia na ilha das Cobras.

— Paus é impossível à bella Ristori do Gymnasio ir à ilha das Cobras quando por 80 rs. ha um bote, cauda ou causa que o vulha.

— Ah! Eu não refiro-me à ilha das Cobras que está no mar, fullo da *Ilha das Cobras* que está na Phenix.

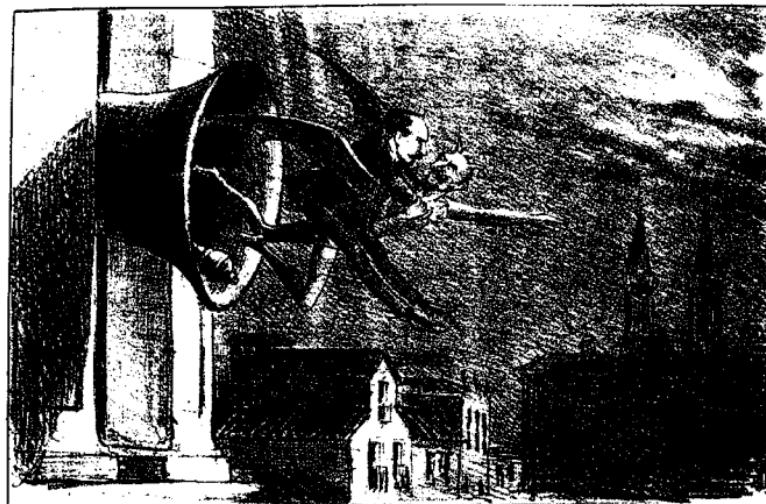
— Ah! falei-vos eu confuso por não ter logo atinado com o espírito do meu companheiro. Fica pois entendido que o meu amigão tem espírito; agora de quantos grãos, isto é que não sei.

O^o crime de Pantini.



Fins retratos das Vc's. e do assassino

N. B. Os retratos da família Kinck foram copiados do jornal nunes "Le Voleur". O de M. Kinck e de sua esposa, filhos menores, servindo os ingleses dentro ou descontentos pelos agentes da polícia. Para o de Gustavo, e João Kinck servimos-nos das reproduções de um retrato que nos fôr apresentado uns dias de 1842, relendo o Crime. O do assassino foi copiado de uma investigação feita na prece das depois do crime, e que nos foi obsequiosamente comunicada por um corvo.



O Sino de S. Francisco de Paula, ou como o poeta e
o diabo commetem suas indiscricões nocturnas



Ouvindo pelas Chaminés

introduzindo-se por entre as telhas,

copriando peças janelas,

passando pelos buracos das fechaduras

e entrando por baixo das portas

Recomendamos à polícia estas dicas quanto de... Segredos alheios

— Meu caro, (continhou o ex-musico) ; digo ex, porque deixou de serjor as suas ventias eu chamo-me... (um nome ásia)... sou engenheiro civil, tenho muita perspicácia; tanta como um Raposo ; tenho oculos e apesar do catar-crego vejo longe.

— Sim ! Sim !

— Fui hoje no Alcazar, de onde sahi ás 9 horas ; nasci depois a representação do *Jardim da Trípula*, que é tão bom como um folhetim do fundo *Correio Mercantil*. Ah ! não sei se sabe que tenho encarregado do dous artigos; um contra o mariz d'um ministro e outro a favor dos dotes da Isaura.

— À Isaura tem dotes?

— Naturais, pois não, o até dizes que artificiais. Neste interim o *bond* chegou a Botafogo.

— Vou para o Ho-spicio de D Pedro II, disse-me o engenheiro.

— Ah ! E sua casa ?

O engenheiro deu uma gargalhada e enfiou, enquanto que eu, sem ser padre, nem ser nada, cahi no serviço das pernas indo para minha casa.

JOÃO MANOEL.

VERSOS DE UM VOLUNTARIO

O JABÁ (*)

Já cantei a rapadura

No meu tempo da desgraça ;

Tambem, versos à cachaça

Fiz em era de ventura ;

Creio que da lyra minha

Tambem uns sons à farinha ;

Votei n'hum soneto já :

Hoje co'a mão na barriga

(Que a tanto dezejó obriga...) ;

Um canto en ergo ao jabá.

Ele tem sido esquecido

Nos hymnos da minha terra,

E a seus serviços na guerra

Quem é que tem atentado ?

O proprio fornecedores

Que auferam lucros maiores

Quasi à custa d'ele só,

Deixam-no triste almoço,

Dos portes no chão molhado,

Nos galpões envolto em pé !

Vede-o, coitado ! parece

O trapo que ao mendigante

Cobre quando ao viandante,

Dirige de esmola a prece ;

Mas ab ! quando vem a fome

E a constância vae, se some,

Fraqueando ante esse mal,

O jabá ganha importancia,

E os espíritos em auncia

Senecila um manto real.

Nto ! não ha, nho ha terra

Melhor, mais certo alimento

Que possa o fornecimento

Nem proporcionar na guerra !

E' maior que a carne verde,

Pois, nos mortos não se perde

Disparado como a rez ;

E' melhor que o peixe incerto,

Ao anzol furtando experto

A isca — de cada vez.

(*) É o nome pelo qual é no exercito em campanha, conhecido o charque.

Do acampamento -- inimigo,
Desde que o exercito avançá,
A capa nos ares se larga
E lá bem longe se abriga,
Excutum curru..., pomada
Por um patoso inventada
Para a bárbara *embroncar*.
Por lei, n'esta concurrence
O *jabá* tem precedencia.
Na vida do militar,

O *jabá* para cheiroso
Não serve ; mas, bom assado,
Cunde prazunto offensado.
No curro -- não faz farto.
A van-agora tem immensa,
Do que sempre o sal dispensa
E apraz-se em fogu qualquer :
Nas longas marchas forçadas
Por selvas, morros, pinduras,
Ditoso quem o tiver !

Seu custo leva o soldado
Do *jabá* grossa fatia
Em rações p'a muitos dias
No *berçal* ad'ombro alcado.
Para as longínquas emprezas
E para as promptas sorpresas
Qual o alimento melhor?
Não se atraza uma vitória
Com elle e vac-se da gloria
Na estrada — a todo a vapor !

Em mais d'um acampamento,
O *jabá* vendo, o soldado
Maldiz-se todo zangado
O experto *fornecimento*.
Em tempo feliz fai i-so :
Havia feijo, chourico,
Pão, vinho, doce a fartar :
No comércio as *estrelinas*
N'asse mil couases divinas
Se faziam transformar.

Mas, do Lopez a campanha
No deserto é prosseguida ;
Finda essa de *Lopez vida*
Com que saudade tamansa,
A tropa, então, desmaiando
Ante a fome, recordando
A sua injustica está :
Em seus sonhos vê mesquinha
Entre nuvens de farinha
Brillar ovante o *jabá* !

N'aquelle transe horroso
Não bastam altas palmeiras
Nem magras hervas rasteiras :
Ella invoca o céo piedoso.
Lembra que em remota idade
Com mandá a Divindade
Salvou o faminto Hebreu :
E mitra scysma o soldado
Que esse *mang* decantado
Foi o *jabá* que choveu.

Por falta d'ella recuaram
Do Matto-Grosso os valentes,
Quando — nobres imprudentes —
No Paraguai se internaram ;
Mas, aquí brada o tyrano,

Vendo o brasileiro ubano,
Prestes a alcançar o já :
" Maldito quem o socorre,
Pois, se à fome elle não morre
E' por causa do jata ! "

O *jata* — nosso patrício —
Tem jus a lóculos aos centos :
E' nos solenmes momentos
Guarda-l'eha do mundo.
Já parece um trapo feio
E' da penitúria no meio
Bello qual mundo real ;
Do Rio-Grande a riqueza,
Ao Ceará da grandezza,
Ao Brasil faz immortal !

Acampamento do Rozario, 1 de Dezembro de 1869.

D.

SONETO

A um cavalo belo

Tenho pena de ti, meu velho baio,
Co'a *severas*⁽¹⁾ não foste agraciado,
E' demais, soffres coices resignado,
Té de qualquer *piquira* paragonyo !

Foste bravo em combates, foste raio
No correr, foste gordo e *arracado* ;
Hoje estás reduzido a tal estado
Que a cada instante vejo-te em desmimo.

Refinou-te um ladrão do regimento,
E o quartel-mestre o milho e alfafa tua
Foi *comendo*, pr'a teu maior tormento.

Por magro foste entregue à sorte cruel
De quem foi um herói em quasi um cento
De *patêus*, dever morrer... na rua !

Assumpção, Agosto de 1869.

D.

PHILOMELA

(Continuação.)

O manecbo antevia, após tantos sonhos gentis,
tanta esperança risinha, a sua casinha fristé e orná,
as suas novas solitárias, a companhia turbulenta de
seus amigos,companheiros de suas loucuras de ontf'orá,
e tinhá tédio.

Haverá muita gente por ahí que sorrirá ao ler estas
linhas.

O que falta au manecbo rirô, bello, festejando por
todos, e desejado pelas mulheres, para poder ambicio-
nar vida ouerosa do homem casado ?

Só ; o presente como o futuro são seus : todos os
dezes, todos os caprichos, todas as ambigües e todas
as loucuras cabem-lhe sem a menor responsabilidade
dos que tem a seu cargo a ventura de outros, pela qual
devem responder perante Deus e perante os homens.

Entretanto Arthur ambicionava esse pezado encargo,
terrivel espinhalha, de muito gente que, por ahí vai.

Na sua idade já havia provado a taça de todos
esses prazeres facéis, cujo gozo deslumbraria tantas al-
mas fracas.

(1) Medalla de *merito*.

Rico, compraria todas as delícias que se vendem ao
brilho do ouro; jovem e bello conquistaria todas essas
venturas, com que os fatuos levantam seu capitólio
ridicule ; e cedo enojaria-o esse viver insípido e tão
desrido de aspirações.

E não se nos diga, que o tédio lhe vierá, por haver
caído em um extremo vício.

Herdando toda a fortuna de seu tio, Arthur con-
tinuaria sempre a sustentar em respeitável posição a
casa comum-reial que receberia como dadiña honrosa do
velho negociante.

Todos os dias, o trabalho, unica e verdadeira dis-
tração que lhe proporcionava horas de felicidade,
detinham o escrivório desde as dez horas da manhã
até as tres da tarde.

Durante essa parte do dia entregava-se do corpo e
alma à lida que se impozera como uma obrigação quoti-
diana.

Quando, porém, à tarde findava o seu labor diurno,
e voltava à casa, achava-a crima, triste e sem attrac-
tivos que o prenecessitassem.

Então, vestiu-se, e sabia sem saber onde a encontrar
o sogego, a tranquilidade, e a ventura que a sua casa
não lhe podia dar.

Algumas vezes levava consigo algum de seus in-
timos amigos a jantar ; mas qual a distração que lhe
podia proporcionar esse amigo, se não aquellas do que
ele já se sentia por demais farto ?

Entretanto parecia que o homem, que se sente com
bastantes forças intellecuaes, o rico, deve ter grande
aspireço de posições sociaes.

Qual, porém, o estímulo que levaria Arthur a ambi-
cional-as ?

Qual o resultado vantajoso, se conseguisse alcan-
çá-las.

A sua casa tornava-se-lhe talvez mais ruimosa, sem
so toruar mais alegria, o seu espírito muispreoccupado e
não mais distrubido ; a sua alma mais atribulada e
não mais feliz.

Só uma causa podia-lhe tornar ditoso : a família.

E essa ligeira esperança de ventura que lhe fizera
estremecer o coração, elle temia vel-a fugir para sempre
sob a forma sedutora de Martha.

Eis a razão por que o nosso herói hesitava e treinava
ao aproximar-se da cosa *misteriosa*.

Quando, já se achava à pequena distancia da casa,
pareceu-lhe ouvir o rolar de uma carrionga.

Recendo ser reconhecido, ou antes por esse movi-
mento instinctivo, que nos força a nos escondermos de
qualquer pessoa quando temos empenho em não
ser conhecidos, Arthur encostou-se no muro que bor-
dava a rua e onde alguns galhos que sobre elle se
debravavam, formavam uma escuridão na qual bem
difícil seria reconhecer alguém.

Com grande passo seu, porém, o carro parou em
frente à cosa *misteriosa*.

O manecbo saiu imediatamente de seu escondrijó,
anioso por ver quem se apenava do sega.

Esta estava de modo, que a luz do lampião da rua
devia alluminar completamente a pessoa, que sahisse
pelo portinhola esquerda, entio voltada para o portão
da casa *misteriosa*.

A curiosidade do nosso herói não tardou em ser
satisfeita, pois que, uma forma esbelta e airosa saltou
ligeiramente do estribô da sega, e empurrando o portão
sumiu-se no jardim.

(Continua).

DIXIMO JUNIOR.



Petrato de Napoleão III feito na Itália